
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO GÊNERO DISCURSIVO SERMÃO ORAL PROFERIDO EM DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS CRISTÃS

Max Silva da Rocha¹

RESUMO: Este trabalho objetiva, em linhas gerais, realizar uma análise dialógica do gênero discursivo Sermão oral. O Sermão, enquanto gênero do discurso, é definido como um texto de cunho religioso, constituído por crenças, dogmas que relacionam o homem com a religiosidade à qual pertence. Para analisar o gênero em destaque, o trabalho apoiou-se nos pressupostos dos estudos dialógicos do chamado círculo de Bakhtin, bem como na Análise Dialógica do Discurso – ADD. Mesmo que esses conceitos, por motivações didáticas, se apresentem de forma separada neste texto, eles estão imbricados na arquitetura bakhtiniana. A partir desses posicionamentos, ocorreu a análise do gênero Sermão oral. Alguns processos dialógicos apareceram de forma acentuada, como, por exemplo: a presença de diferentes vozes sociais; a língua/linguagem enquanto lugar de significações; as marcas valorativas do sujeito enunciator; a relação do eu falante para o outro; entre outros aspectos. A pesquisa torna-se relevante pelo fato de analisar excertos de um gênero discursivo à luz da ADD, como também pelo fato de colaborar com um melhor entendimento do gênero Sermão oral colhido em denominações religiosas cristãs do agreste alagoano. Os resultados indicam que o Sermão oral apresenta marcas dialógicas que o constituem enquanto gênero do discurso religioso cristão.

PALAVRAS-CHAVE: Processos dialógicos; Sermão oral; Análise dialógica do discurso.

ABSTRACT: This paper aims, in general, to carry out a dialogical analysis of the discursive genre. The Sermon, as a genre of discourse, is defined as a religious text, consisting of beliefs, dogmas that relate man to the religiosity to which he belongs. To analyze the highlighted genre, the work was based on the assumptions of the dialogical studies of the so-called Bakhtin circle, as well as on the Dialogic Discourse Analysis - ADD. Even though these concepts, due to didactic motivations, are presented separately in this text, they are intertwined in Bakhtinian architecture. From these positions, the analysis of the oral sermon genre took place. Some dialogical processes have appeared in a marked way, such as: the presence of different social voices; language / language as a place of meanings; the evaluative marks of the enunciating subject; the relationship of the speaking self to the other; among other aspects. The research becomes relevant due to the fact that it analyzes excerpts of a discursive genre in the light of ADD, as well as the fact that it contributes to a better understanding of the genre. Oral sermon collected in Christian religious denominations of the Alagoas region. The results indicate that the oral sermon presents dialogical marks that constitute it as a genre of Christian religious discourse.

KEYWORDS: Dialogic processes; Oral sermon; Dialogical analysis of speech.

Introdução

A língua/linguagem² enquanto concepção dialógica é compreendida numa perspectiva social, em que os sujeitos, por meio das interações verbais, constituem um amplo processo tanto

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). É Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080598490942003> E-mail: msrletras@gmail.com

² O trabalho toma as expressões língua/linguagem como sinônimas, no sentido de que elas estão imbricadas, indissociáveis.

linguístico como social, no qual ratifica a língua/linguagem como um processo dialógico. Assim, os aspectos linguísticos e sociais se associam de maneira interativa, fazendo com que a atividade mental (interior) e a languageira (a própria enunciação – exterior) possam constituir tanto o sujeito quanto à própria língua/linguagem. Em vista disso, a língua “torna-se, em todas as suas manifestações, a expressão de forças psíquicas individuais e de intenções dotadas de significações individuais. A evolução da língua confunde-se com a evolução do pensamento e da alma dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 192).

Diante disso, a língua/linguagem é social, e o sujeito também o é, pois ele está inserido nesse processo dialógico. Entretanto, há, de fato, um sistema linguístico que promove as chamadas relações lógicas, ou seja, dentro do sistema da abstração linguística têm-se as forças centrípetas, que são responsáveis pela estabilização, pela homogeneidade. Nesse espaço, não há como haver dialogismo, pois está se falando do sistema da língua e, como se sabe, uma linguística apenas estrutural não dá conta de observar como acontecem as relações da língua/linguagem na vida dos sujeitos. É preciso entender que os estudos dialógicos veem uma língua/linguagem em que aparece o lugar social dos interlocutores, os gêneros do discurso, as múltiplas vozes sociais, ou seja, aspectos que podem mostrar a importância do funcionamento linguístico nas relações dialógicas.

Sendo assim, percebe-se que a língua/linguagem materializa-se nas relações dialógicas das interações realizadas pelos sujeitos; e, posteriormente, nos discursos proferidos também pelos mesmos sujeitos. É preciso lembrar aqui que o enunciado é visto em relação com a realidade, com a qual o locutor profere um enunciado e promove sentidos diversos que com eles concorda ou discorda de discursos outros. Há, nesse espaço, uma dupla orientação, um discurso bivocal, voltado para o próprio discurso e para o discurso do outro, pois sem essa relação (eu + outro) não há como haver dialogismo. Assim, a enunciação é entendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’ (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 17).

Tomando como eixo norteador o fato de que a concepção de língua/linguagem do chamado Círculo repousa no princípio dialógico, ratifica-se que “a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 129). Novamente, vê-se aqui a ideia de que é na noção

de comunicação verbal que a própria língua/linguagem é definida. No dizer de Flores; Teixeira (2012, p. 48), “a proposta do filósofo é ver a língua imersa na realidade enunciativa concreta, servindo aos propósitos comunicacionais do locutor. Para ele, não importa a forma linguística invariável, mas sua função em um dado contexto”. O enunciado é visto a partir das práticas sociocomunicativas dos sujeitos devidamente situados historicamente.

Em resumo, o conceito de língua/linguagem presente na concepção dos estudos dialógicos refere-se a uma perspectiva de visão de mundo, que promove a construção e a instauração do sentido (BRAIT, 2005), indo desde a abordagem linguístico-discursiva até a realidade concreta da língua/linguagem na vida dos sujeitos. Entende-se que não se pode, numa perspectiva de estudos bakhtinianos, estudar a língua/linguagem desvinculada da vida dos sujeitos sociais, visto que “o fato de trabalhar a integridade concreta e viva da língua e os aspectos da vida concreta do discurso revela o caráter dialógico” (CASTRO, 2005, p. 119).

1 O dialogismo e as relações dialógicas

Os estudos do chamado Círculo de Bakhtin procuravam investigar como as atividades humanas estão manifestadas na língua/linguagem por meio das relações dialógicas. Essas relações ultrapassam o sistema abstrato da língua e passam a compreendê-la como lugar de interação social. Assim, todo discurso tem uma orientação dialógica, pois, se por um lado aponta para um determinado objeto, por outro, aponta para o discurso do outro nesse mesmo objeto. Desse modo, há uma necessidade de ver a presença do outro no discurso, já que não existe diálogo social com apenas uma pessoa, pois “o caráter fundamentalmente dialógico de todo enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com o outro” (FIORIN, 2005, p. 221).

Um ponto importante é que o diálogo social não corresponde ao que é apenas linguístico, mas também a tudo aquilo que pode, de algum modo, influenciar a vida dos sujeitos, ou seja, os sentidos evocados pelos mais diversos enunciados que circulam na sociedade. Conforme Brambila (2017, p. 308), o diálogo em Bakhtin é o lugar de relação em que os sentidos e as ideologias construídos pelos sujeitos em suas interações são colocados em tensão e em potencialidade, já que o termo contempla não apenas a existência de um “eu” que emite seus enunciados, mas também de um “outro” autêntico e vivo que recebe ativamente tais enunciados e os responde prontamente nessa dinâmica. Nesse sentido, aspectos provindos das

relações sociais são imprescindíveis na construção das relações dialógicas, porque eles permitem observar como os discursos circulam na sociedade e quais valores axiológicos os enunciados produzem.

No que diz respeito ao dialogismo em si, é pertinente destacar que todo discurso aborda questões referentes a um determinado objeto. E nesse mesmo objeto é possível perceber que há várias vozes e/ou discursos também falando do mesmo objeto. Essas relações configuram o próprio dialogismo bakhtiniano. Acerca disso, Brait (2005, p. 94-5) acrescenta:

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Como se vê, o dialogismo repousa no princípio que aponta para os discursos estarem relacionados uns com os outros. Nesse sentido, surge a interdiscursividade, que representa as múltiplas vozes sociais que circundam um determinado enunciado. Essas relações são axiológicas, visto que podem lançar juízos de valor acerca de um objeto. Ainda sobre as concepções de dialogismo, destaca-se:

Nesse sentido, o conceito de dialogismo sustenta-se na noção de *vozes* que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que atravessam a enunciação. Assim, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem a, isto é, que compreendem ativamente os enunciados (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 111).

Observa-se que a concepção bakhtiniana está enraizada no princípio do dialogismo, o qual é entendido como as outras vozes que permeiam os mais diversos enunciados. São vozes culturais, históricas, sociais, políticas, que evidenciam uma “ideia de um discurso que é o tempo todo atravessado pelo alheio, que faz no seu interior o outro, é um dos principais pontos do pensamento de Mikhail Bakhtin e o fundamento da sua concepção dialógica da linguagem” (MARINHO, 2005, p. 235).

Assim, percebe-se que a língua/linguagem, na concepção de Bakhtin, refere-se ao funcionamento, isto é, como a língua/linguagem se manifesta na vida das pessoas e como proporciona a constituição dos mais diversos enunciados. Desse modo, tem-se que a língua é efetivada durante a interação verbal, numa dimensão plenamente social. “Reitero, assim, a interpretação de que é na comunicação verbal concreta, no diálogo, que se define a

língua/linguagem” (ZOZZOLI, 2012, p. 258), na perspectiva dos estudos dialógicos do chamado Círculo de Bakhtin.

Sendo assim, a comunicação verbal e as relações dialógicas promovem os discursos que circulam no meio social, constituídos de múltiplas vozes sociais que imbricam aspectos históricos, sociais, culturais, além de outros valores que configuram o dialogismo bakhtiniano. Nesse sentido, “no conjunto da obra de Bakhtin, as relações dialógicas são entendidas como espaços de tensão entre vozes” (FLORES; TEIXEIRA, 2012, p. 58). Estudar como as vozes sociais atuam nos mais diversos enunciados permite entender como um enunciado é construído dialogicamente.

Diante disso, é possível, a partir dos estudos dialógicos, “verificar como o sujeito organiza o que constrói como os discursos alheios em seu próprio discurso pode, assim, fornecer pistas quanto ao seu modo individual de enunciar” (FIAD, 2015, p. 84). É aí que o dialogismo se faz presente, pois ele permeia toda a interação humana. Para Barros (2005, p. 33), “a linguagem, seja ela pensada como língua ou discurso, é, portanto, essencialmente dialógica. Ignorar sua natureza dialógica é o mesmo, para Bakhtin, apagar a ligação que existe entre a linguagem e a vida”.

2 Acerca das múltiplas vozes sociais

Quando os sujeitos sociais dialogam e estabelecem uma relação de interação social entre si, é possível perceber que múltiplas vozes sociais se imbricam ou se chocam durante a comunicação verbal. Para Bakhtin/Volochinov (2006, p. 200), “toda a atividade verbal consiste, então, em distribuir a ‘palavra de outrem’ e a ‘palavra que parece ser a de outrem’”. Assim, entende-se que todo discurso tem o seu objeto voltado para o outro, já que sem o outro não há possibilidade para esse espaço dialogicamente situado. Os discursos se entrecruzam, fundem-se, e materializam-se nos mais diversos enunciados concretos do dia a dia. Por isso, ratifica-se que a própria língua/linguagem está permeada de intenções não só do falante, mas também do discurso do outro.

Portanto, as palavras, antes de serem assimiladas e usadas por nós, são palavras alheias, palavras dos outros; depois, elas passam a ser como uma sociedade: meio nossas, meio dos outros, palavras próprias-alheias, sendo que só mais tarde elas se tornam palavras nossas. Isso mostra o que é dialógico: o fato de as palavras passarem a existir para cada um de nós no diálogo, na

interação e de os enunciados conversarem inevitavelmente uns com os outros (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1080).

Como diz Bakhtin (2010), a “linguagem é dialógica” e compreende-se que é por meio dos enunciados, da palavra do outro, daquilo que já foi dito, que ela se manifesta de maneira plenamente dialógica. Entendê-la sob essa ótica, é enveredar num possível caminho para compreender o funcionamento linguístico, por meio dos enunciados relativamente estáveis, concretos e únicos (BAKHTIN, 2010). Nas palavras de Brait; Melo (2005), no círculo de Bakhtin, os enunciados são entendidos como unidades de comunicação, unidades de significação, necessariamente contextualizados. Por isso, “a unidade fundamental da língua passa, assim, a ser o diálogo, entendido não somente no sentido aritmético do termo, mas como toda a comunicação verbal, independente do tipo” (FLORES; TEIXEIRA, 2012, p. 49).

Os interlocutores dialogam, negociam e constroem enunciados que podem ser orais e/ou escritos. Assim, Bakhtin (2010) dividiu os gêneros em dois grupos distintos: os primários e os secundários. Os primários são aqueles mais cotidianos, que se apresentam, na maioria das vezes, em momentos informais do dia a dia. São os bilhetes, a conversa face a face com um amigo, o telefonema, entre outros. Os segundos (os secundários), por sua vez, dizem respeito aos gêneros prestigiados, como pesquisas científicas, romances, poemas, canções, entre outros. Nesse sentido, “[...] a aquisição dos gêneros secundários tem por base os primários, mesmo que estes sejam por fim modificados para dar forma aos mais complexos” (CARVALHO, 2005, p.132).

Nesses gêneros do discurso, tem-se toda uma enunciação que é impregnada de conteúdo ideológico. “A ideologia, nessa concepção, não é vista como um produto internalizado e subjetivo dos sujeitos, mas é constituída na vida social pelas diferentes maneiras de se compreender e conceber a realidade que é mediada pelos signos” (RUIZ, 2017, p. 48). Logo, a separação, mesmo que apenas no plano teórico, entre a língua e o conteúdo ideológico não se justifica, visto que não encontra base teórica e empírica precisa. Não há que se falar em discurso e negligenciar a ideologia que perpassa a fala do locutor e do interlocutor, que se manifestam em diferentes vozes sociais (FLORES; TEIXEIRA, 2012). Assim, o filósofo russo “procura explorar a ideia e centrar a discussão no fato de que a língua/linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado” (BRAIT, 2005, p. 93).

Nota-se que, a partir da estreita ligação entre língua/linguagem e sociedade, Bakhtin entende o processo de significação como o resultado das estruturas/conjunturas sociais, pois os discursos são moldados por aspectos sociais, históricos, políticos, ideológicos, que influenciam os dizeres e a vida dos sujeitos sociais. Por isso, a própria enunciação, fazendo parte de um processo de comunicação ininterrupto e de enunciados concretos e únicos, é entendida como um acontecimento de natureza social, realizado por sujeitos, que também são seres sociais (CASTRO, 2005, p. 119). Nesse sentido, depreende-se que na enunciação “o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2010, p. 275).

Em síntese, as múltiplas vozes sociais são organizadas por uma espécie de dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que, como já fora dito anteriormente, está presente no seu. Desse modo, “o nosso discurso da vida prática está cheio das palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras reforçamos as nossas próprias palavras” (BAKHTIN, 1997, *apud* ZOZZOLI, 2012, p. 261).

3 A análise dialógica do discurso – ADD

A partir das importantes contribuições vindas do Círculo de Bakhtin, pesquisadores como Brait (2005, 2006), Brambila (2017, 2018), Rohling (2014) Sobral; Giacomelli (2016, 2018), entre outros, teorizaram uma “nova” área do saber, a Análise Dialógica do Discurso, ADD. Essa teoria de influência bakhtiniana toma como ponto de partida o discurso e não a língua em si, enquanto sistema abstrato. O discurso não pode ser confundido com a língua, nem com o texto e nem com a fala. São coisas complementares, mas distintas. A respeito disso, Bakhtin (2008, p. 207) ressalta:

[...] o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para o nosso fim.

A ADD estuda a língua, mas enquanto lugar de interação, tensão dos discursos. Entende-se que o discurso é constituído de sentidos criados por sujeitos sociais que estão num dado contexto e num dado momento. Assim, infere-se que o discurso é produzido e não algo dado,

pronto e acabado. Além disso, o discurso nasce durante as relações sociocomunicativas e a ADD leva em conta as relações de um discurso presente em outro(s). Nesse sentido, a “ADD tem como enfoque a análise de produções discursivas produzidas nas mais variadas esferas de atividade humana” (ROHLING, 2014, p. 45). O discurso passa, a partir da teorização da ADD, a receber um olhar mais profundo, em relação às práticas discursivas realizadas pelos falantes.

Assim, a ADD trabalha com enunciados (discursos) realizados nas práticas de linguagem, não as frases de obras literárias. Por isso, a base da análise não é a gramática ou as significações da língua, mas o uso da língua no contexto. O trabalho envolve os enunciados reais, as formas dos enunciados (ou gêneros do discurso) e as significações na língua: todo enunciado é lido em termos de seu contexto social e histórico mais amplo, do gênero de que faz parte e dos recursos linguísticos que usa (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1091).

A ADD analisa como os discursos produzem sentidos nas esferas de atividades humanas. Nesse sentido, é importante considerar que fazer uso da ADD é fundamental para se estudar a subjetividade, os processos dialógicos, aspectos esses que “ocorrem por meio da interação concreta, nos mais diversos contextos de ocorrência” (BRAMBILA, 2017, p. 320). Por isso, os postulados bakhtinianos se referem à língua/linguagem como uma concepção neutra incorporada pelo falante, pois está preñe de intenções dos outros, posto que a língua enquanto discurso é viva, concreta e real, uma vez que faz parte das atividades humanas (RUIZ, 2017, p. 43).

É importante acrescentar que a ADD não fornece categorias previamente definidas para realizar uma análise do gênero ou do discurso, mas “dentro de uma análise dialógica, busquemos, de fato, dialogar com o que ronda o sujeito e seus enunciados, na tentativa constante de elucidar suas motivações discursivas” (BRAMBILA, 2017, p. 314). As motivações discursivas é que fazem com que os sentidos sejam criados e isso ocorre por meio da interação entre sujeitos. A interação refere-se, portanto, a todas as situações em que pessoas se dirigem a outras, mesmo a distância. Quando isso acontece, as pessoas se baseiam em todas as situações de interação que viveram, e elas tentam imaginar as reações dos outros e se antecipar a isso (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083).

Mesmo a ADD, não definindo categorias de análise previamente elaboradas, é possível seguir alguns parâmetros norteadores, a exemplo de Sobral; Giacomelli (2016, p. 1077) que indicam um possível roteiro para que se possa entender o dialogismo, cujo esquema aparece a seguir:

1. O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD, porque os sujeitos falam usando enunciados.
2. Os enunciados são usados pelos sujeitos na interação, que é a base das relações dialógicas.
3. Na interação, usando enunciados, os locutores recorrem a signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de marcados por uma avaliação social;
4. Na interação, os locutores usam signos ideológicos em enunciados de acordo com os gêneros do discurso, definidos como formas relativamente estáveis de enunciados.

Para os referidos autores, o roteiro em destaque configura o próprio dialogismo. O primeiro ponto (enunciado) é entendido como os discursos que circulam nas mais diversas esferas sociais de atividade humana; o segundo aspecto (interação) é aquele que envolve os sujeitos, a sociedade e a história, pois trata-se de uma relação social; o terceiro item (signos) está sempre direcionado à palavra, visto que a “palavra alheia é o elemento organizador da construção do discurso” e porque “cada discurso está impregnado de palavras de outros, os já-ditos, porque não há palavras neutras e sem historicidade” (RUIZ, 2017, p. 44).

É importante lembrar que esse roteiro não significa categorias previamente definidas para realizar uma análise dialógica, mas serve como um modelo didático capaz de contribuir com o analista que procura fazer um estudo dialógico. Em se tratando da própria metodologia da ADD, é importante dizer que ela “não aplica conceitos a partir de categorias previamente definidas para a análise dos discursos, mas procura buscar que os discursos demonstrem sua maneira de produzir sentidos” (RUIZ, 2017, p. 56). Assim, as categorias de análise emergem do próprio objeto que está sendo investigado, o discurso mostra quais sentidos ele está ou não autorizando dizer.

Para Sobral; Giacomelli (2016), o discurso se utiliza da língua, falada ou escrita e, desse modo, ele consegue construir textos. “A frase é da língua, e o enunciado é do discurso, sendo, portanto, mais do que frase. Logo, discurso envolve interação e não somente língua” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1080). Diante disso, o discurso só pode ser entendido se for possível identificar, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, em que contexto, incluindo momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente (institucional, familiar, entre outras categorias).

Ainda de acordo com Sobral; Giacomelli (2016, p. 1092-3), é possível observar que os autores resumem a proposta de análise utilizada pela ADD. Para os autores, há alguns caminhos analíticos que precisam ser observados pelo analista do discurso dialógico, já que em “toda análise, e em todos os passos da análise, o analista precisa validar o que diz do objeto com as

marcas, linguísticas (da língua) e enunciativas (da enunciação) que estão no próprio objeto”. Os passos a seguir resumem a referida proposta:

1. **Partir de textos efetivamente produzidos:** Isso se traduz em recolher exemplares reais dos gêneros. Ao fazer isso, a ADD parte da linguagem em uso, em vez de da língua das gramáticas normativas, que é estática e trabalha só com frases, não com enunciados/discursos.
2. **Verificar de que modo os sujeitos realizam interações com esses exemplares de gênero:** Isso se traduz em verificar a que propósitos enunciativos os textos servem, ou seja, que ações eles realizam (fazer um pedido ou dar uma ordem, por exemplo) de acordo com as relações entre os interlocutores (o motorista não multa o guarda; o acusado não julga o juiz) – ao menos em condições normais.
3. **Examinar as formas linguísticas em sua significação habitual:** Isso se traduz em levar em conta que os gêneros, para criar seus sentidos, usam enunciados/discursos. Ao fazer isso, eles recorrem às significações que os dicionários registram, mas sua base não é essa. Os enunciados transformam as significações, de acordo com o contexto mais amplo, para criar seus sentidos. A transformação ocorre no contexto, na interação, nas relações entre os interlocutores.

Os autores ainda evidenciam que os enunciados concretos, reais, existentes são, de fato, a base da significação. Os enunciados são o resultado da junção do contexto com a significação. O modelo de análise da ADD centraliza no discurso e não nas frases, textos ou palavras. Assim, um analista do discurso dialógico projeta a pesquisa a partir de idas e vindas aos dados, para assim, ascenderem as regularidades enunciativo-discursivas que se engendram na constituição e na funcionalidade do gênero, posto que não há categorias *a priori*, mas regularidades sociointeracionais que se articulam para a sua significação (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010, p. 160).

Portanto, a ADD dá conta da própria língua (como lugar de interação) e da enunciação (lugar dos enunciados concretos, discursos). Para conseguir cumprir essa tarefa, é preciso, primeiramente, “descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas”; o outro passo é “analisar as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro)”; por último, “interpretar

que sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1092-3).

Além disso, ao “descrever, o analista ‘põe a mão na massa’ e examina a materialidade de seu objeto, composto por uma parte linguística e uma parte enunciativa integradas; nesse passo, ele vê seu objeto”. Ao analisar, “ele adquire conhecimento sobre as relações entre as duas partes (língua e enunciação) no enunciado considerado em termos da intencionalidade do locutor diante de seu(s) interlocutor(es)”. E, finalmente, ao interpretar, “ele reúne todos esses dados – a materialidade da língua e os elementos do ato de enunciação em suas relações num dado contexto, envolvendo um tempo, um espaço e interlocutores – e procura identificar os sentidos criados” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1093).

Após a discussão teórica sobre a ADD, o trabalho propôs fazer um exercício de análise, procurando mostrar como se dá a construção de sentidos. Escolheu-se um determinado gênero do discurso – o Sermão oral – por ele ser um gênero dinâmico e praticado de forma acentuada na religiosidade cristã, possuindo grande relevância social e histórica. Buscou-se, nesse sentido, analisar como se dão os processos dialógicos do citado gênero, a fim de entender de que modo o autor do texto religioso atribui sentidos e como as múltiplas vozes, o discurso alheio aparece na pregação religiosa cristã.

4 O gênero do discurso sermão oral: um exercício de análise dialógica

Segundo Rocha & Santos (2018), o gênero Sermão oral pertence à esfera social do discurso religioso cristão. Conforme os autores, esse gênero não acontece de qualquer maneira, mas de uma forma organizada, planejada por aquele que o prepara. Esse tipo específico de discurso religioso é produzido por locutores de denominações religiosas predominantemente cristãs (católicos e/ou protestantes). Os interlocutores são os próprios fiéis das igrejas, fazendo com que aconteça essa interação entre quem fala (locutor) e quem ouve (interlocutores) a proferição religiosa. Um fator importante é que os interlocutores não podem tomar a palavra do locutor no momento em que este estiver proferindo o Sermão. Há, assim, uma relação de assimetria, de poder (SANTOS, 1999) exercida pelo locutor em detrimento aos interlocutores.

Conforme Bakhtin (2010, p. 285), “os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos; entretanto, para o indivíduo falante eles têm significados, normativo, não são criados por ele, mas dados a ele”. Pelo fato de o Sermão

oral ser um gênero do discurso que, de uma forma dinâmica, carrega sentidos, valores socialmente compartilhados, entende-se que desvelar as regularidades enunciativo-discursivas do citado gênero pode, de algum modo, mostrar a importância e o funcionamento do Sermão em uma dada situação social de interação.

Mesmo sabendo que a ADD não dispõe de categorias previamente definidas para realizar um estudo das formas da língua enquanto interações sociais, o estudo nesse prisma se revela consideravelmente relevante para a análise de interações que se dão em circunstâncias de caos social, pois, dentro de sua perspectiva analítica, “se importa com não apenas o linguístico em si, que já nos diz muito, mas também se compromete com circunstâncias históricas e sociais que podem, inclusive, dizer tanto ou mais que o próprio enunciado em questão” (BRAMBILA, 2017, p. 320).

Assim, o trabalho embasa-se numa abordagem qualitativa, procurando observar os dados com um olhar descritivo-interpretativista. O *corpus* a seguir foi coletado numa denominação religiosa cristã do agreste alagoano. O Sermão foi proferido por um locutor da referida denominação. Os interlocutores são os próprios membros da citada instituição. Ao todo foram trinta minutos de pregação religiosa. No entanto, escolheram-se, aleatoriamente, apenas dois excertos para análise dialógica. Num primeiro momento, ocorreu a gravação do Sermão na modalidade de áudio; em seguida, ocorreu a transcrição de acordo com as normas de Marcuschi (2003); e, finalmente, a interpretação do texto oral religioso, buscando identificar as possíveis marcas dialógicas presentes no gênero estudado.

4.1 Momento dialógico 1

querido hoje eu quero falar um pouquinho a respeito de paz... paz... é uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos... o indivíduo pode ter um caminhão de dinheiro... se ele não tiver paz não adianta nada... ele pode:: estar com um baita de um emprego né... ser um executivo aí ganhando muito dinheiro... se não tiver paz não resolve nada... pode tá na melhor casa... se não tiver paz... ele pode tá fazendo uma viagem internacional dos sonhos... se ele não tiver paz no coração...

Fonte: *corpus* da pesquisa 2019.

Como se pode observar, este estudo analisa um texto efetivamente produzido numa esfera social religiosa cristã. Nesse sentido, entende-se que a própria língua/linguagem em uso, aqui configurada em um gênero do discurso (Sermão oral), é o objeto estudado. Logo de início,

o locutor chama o interlocutor de “querido”. Isso faz com que seja criado um elo ainda maior de proximidade entre o locutor e os interlocutores presentes.

Mais adiante, o locutor começa a realizar interações por meio do gênero Sermão. O locutor introduz um tema sobre a paz e vai mostrando a importância dela para o ser humano. Ele diz: “eu quero falar um pouquinho a respeito de paz... paz... é uma coisa que todos nós queremos todos nós precisamos”. Aqui o autor do Sermão define o que significa paz e constrói um enunciado que aproxima o **outro** desse **eu** falante, já que o enunciador não apenas se dirige para os interlocutores, como também se inclui no próprio dito, ao utilizar a primeira pessoa do plural, ou seja, “nós precisamos”.

Fazendo isso, o locutor também se inclui nessa necessidade de ter paz e ratifica isso por meio do uso da modalização deôntica, que se caracteriza pela obrigatoriedade de uma proposição. No caso em apreço, paz é uma coisa que “todos nós precisamos”. Com isso, ao se “adaptar ao outro para conseguir o que quer com seus enunciados, o locutor pode, por exemplo, dizer coisas com suavidade para alguém brabo [...] a fim de evitar uma reação negativa do outro e conseguir dele o que pretende” (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1079).

É importante observar como os processos enunciativos funcionam nesse fragmento discursivo, a fim de criar sentidos, cargas valorativas. Adiante, o autor do Sermão oral encadeia os seguintes trechos: “caminhão de dinheiro”, “baita de um emprego”, “ser um executivo aí ganhando muito dinheiro”, “melhor casa”, “uma viagem internacional”. Ao utilizar esses enunciados, é possível visualizar o quanto o sujeito é dialógico, responsivo, polifônico, pois o locutor sabe que tais expressões são consideradas de grande prestígio pela maioria das pessoas ali presentes.

Isso ocorre porque o enunciador encadeia sequências discursivas consideradas valorativas socialmente. O discurso elitizado perpassa a fala do autor e ratifica que as vozes sociais presentes são vozes que evocam signos de prestígio, de uma classe socialmente elevada. Em contraste a isso, sabe-se que a classe pobre não ganha muito dinheiro; não possui um excelente emprego; não tem a melhor casa; não faz uma viagem internacional. Assim, as vozes sociais são sempre vozes axiológicas que refletem e refratam a realidade. Por isso, “os sujeitos, ao enunciar, partem de ideologias fomentadas por contextos históricos e sociais variáveis, o que coloca em xeque qualquer proposição de estruturação do enunciado dialógico” (BRAMBILA, 2017, p. 308).

Acerca da interação entre o locutor e os interlocutores, ela acontece de maneira viva e dinâmica, já que os sujeitos (locutor e interlocutores) estão situados na mesma esfera discursiva. Além disso, as palavras que o locutor enuncia são palavras carregadas de valores ideológicos, tradicionais, socialmente aceitos, como “filhos”, “cônjuge”, “pais”, entre outros. Para Sobral; Giacomelli (2016, p. 1080), a interação, ou intercâmbio verbal, é a própria base, raiz e fundamento do sentido, porque é nela que acontece a relação entre sujeitos, a interlocução. É da interlocução que vem o sentido. Assim, a interação não é só o que acontece aqui e agora: ela vai da conversa face a face à relação entre sujeitos de lugares distintos e mesmo de épocas distintas. É durante essa interação que as tensões dialógicas se mostram presentes e dispostas para o uso do diálogo vivo, concreto, como acontece no Sermão em destaque.

É possível verificar que o enunciado analisado é repleto de sentidos, valores axiológicos que, de algum modo, evidenciam o posicionamento do locutor, haja vista que não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade. Nesse sentido, todo enunciado revela a posição do locutor com relação ao interlocutor e ao assunto de que trata, que se traduz em uma avaliação ou valoração daquilo que cada um diz (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1083), por isso, observa-se que a posição do locutor é a de persuadir os interlocutores a buscarem a paz, visto que “a gente precisa de paz paz de espírito paz de alma...”

O discurso outro que está presente no enunciado em destaque revela valores de prestígio de uma classe mais elevada socialmente. Os exemplos utilizados pelo autor do Sermão oral não recorrem em nenhum momento a exemplos da classe de menor prestígio social. Possivelmente, o enunciadador também esteja imerso na classe abastada, por isso os enunciados em destaque. Ruiz (2017, p. 43) frisa que “os sujeitos, ao se enunciarem, estão situados em contextos sócio-ideológicos definidos, e o uso da língua é inseparável dessa situação concreta de uso, dos seus falantes e dos valores ideológicos”.

O fragmento analisado apresenta processos dialógicos carregados de sentidos que refratam a realidade. Desse modo, percebe-se a intencionalidade da própria língua/linguagem. As palavras, isto é, os signos ideológicos utilizados pelo autor do Sermão oral autorizam afirmar que o locutor se posiciona num lugar social de poder, de prestígio social.

4.2 Momento dialógico 2

/.../ quando a gente: lê a história dos dos patriarcas né? ... dos patriarcas não dos dos primeiros cristãos... Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado... e antes dele ser queimado.. dele ser degolado na verdade.. é: o seu algoz ia degolá-lo confesse e reconhece Jesus Cristo como o seu salvador... ele é degolado decapitado junto com Tiago... PESSOAS que nos momentos mais angustiantes da sua vida estavam em paz... MÁRTIRES que foram queimados VIVOS imagine você tá aqui vivo tudo bem com você cheio de madeira graveto ao teu redor e colocam fogo... você vai queimando de baixo pra cima... e muitos deles cantavam... PAZ nos momentos mais difíceis da vida humana...

Fonte: *corpus* da pesquisa 2019.

Nesse segundo excerto subtraído do mesmo Sermão oral analisado no primeiro momento dialógico, observa-se que o tema da paz continua sendo o tópico discursivo em questão. Agora o locutor recorre a exemplos de personagens bíblicos para ratificar a sua argumentação sobre o tema da paz. O locutor encadeia a seguinte sequência discursiva: “/.../ quando a gente: lê a história dos dos patriarcas né? ... dos patriarcas não dos dos primeiros cristãos... Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado...”. Observa-se que aqui aparecem vozes sociais do cristianismo primitivo, das primeiras perseguições ideológicas que os cristãos sofreram.

Concordando com Sobral; Giacomelli (2016, p. 1079), a ADD postula que todo enunciado produzido dialoga com outros enunciados já ditos antes dele, tentando até mesmo responder a enunciados que não foram ditos, o que também é um diálogo. Assim, o locutor recorre a uma época distante, mais precisamente ao ano trinta depois de Cristo, para validar o discurso sobre os primeiros cristãos. Em se tratando da própria perseguição sofrida pelos cristãos, o locutor frisa que “Tiago foi o PRIMEIRO dos discípulos a ser martirizado...”. Esse discurso evidencia vozes que refazem a linha do tempo (Antiguidade) e retomam os mesmos discursos do passado.

Mais adiante, o locutor encadeia o seguinte trecho: “/.../ MÁRTIRES que foram queimados VIVOS imagine você tá aqui vivo tudo bem com você cheio de madeira graveto ao teu redor e colocam fogo... você vai queimando de baixo pra cima... e muitos deles cantavam... PAZ nos momentos mais difíceis da vida humana...”. Esse dito está fazendo alusão ao movimento da inquisição (a partir do século XII), em que pessoas condenadas por supostos atos ilegais eram queimadas vivas. Mais uma vez, as vozes sociais atravessam os discursos e reconstroem os mesmos discursos já ditos em outros momentos da história vivida, são relações dialógicas entre os enunciados.

Essas relações dialógicas entre os discursos não se esgotam nessa rápida análise, mas vão e voltam no tempo (passado e futuro). Um discurso dialoga com o outro à medida que as pessoas atribuem significados aos seus dizeres. O que o locutor do Sermão oral está dizendo aos interlocutores não é algo novo, pois eles são cristãos e, de um modo ou de outro já ouviram falar na temática em questão. Assim, “como os sentidos são construídos no processo de interação verbal, a compreensão dos enunciados só pode ocorrer se forem compreendidos o contexto social imediato e o contexto histórico em que a situação de comunicação ocorre” (RUIZ, 2017, p. 54).

Nesse sentido, todo esse discurso que busca dialogar com a época do cristianismo primitivo porta sentidos que já foram ditos anteriormente. Por isso, “o diálogo se estabelece entre os enunciados com os já-ditos, isto é, os enunciados anteriores, e também antecipam as futuras respostas, ou seja, as dos enunciados que o responderão (os enunciados pré-figurados)” (RUIZ, 2017, p. 44). O caráter dialógico do discurso perpassa as atividades humanas, fazendo com que o locutor e o interlocutor participem cooperativamente do ato comunicativo. Se os interlocutores não conhecessem o mínimo possível da história do cristianismo, possivelmente a interação não aconteceria, e o locutor iria parecer incoerente perante os interlocutores ali presentes.

Acredita-se que os processos dialógicos do excerto analisado refazem a linha do tempo e evidenciam vozes sociais de um discurso histórico, ou seja, o período primitivo do cristianismo. Mesmo o locutor, mantendo a coerência da temática da paz, ele busca a história para confirmar o discurso religioso em questão. O Sermão oral, enquanto gênero do discurso, se apresenta de forma concreta e revela intenções daquele que o profere. Diante disso, entende-se que “as relações dialógicas podem ser compreendidas como lugares/posições axiológicas dos sujeitos nos atos concretos da vida” (ROHLING, 2014, p. 45), seja numa igreja, num tribunal, num palco ou em qualquer espaço social.

Finalmente, esse segundo excerto analisado mostra como o locutor busca outros discursos já ditos para ratificar o seu. Esses processos configuram o diálogo social, as outras vozes que sempre aparecem no discurso daquele que tem a palavra. Assim, “a perspectiva dialógica motiva o linguista a constantemente conhecer o tempo, o espaço e os sujeitos que se constituem linguística e discursivamente no corpus alvo” (BRAMBILA, 2018, p. 53).

Considerações finais

Durante o percurso que este texto fez, foi possível perceber alguns conceitos teóricos dos estudos dialógicos bakhtinianos, enfatizando como eles são imprescindíveis para a construção de sentidos durante as relações de diálogo numa instância social específica, a religiosa cristã. Analisou-se, no gênero do discurso Sermão oral, como as relações dialógicas acontecem por meio do uso real da língua/linguagem. Assim, o uso da ADD mostra-se relevante porque essa teoria não se importa apenas com o material linguístico, mas, sobretudo, com fatores de ordem discursiva, social, histórica, que revelam as condições de produção, circulação e até mesmo a recepção dos enunciados.

É importante retomar que a ADD não faz uso de categorias de análise aplicadas aos textos e aos discursos. Como foi possível verificar, a análise dialógica recorre ao próprio objeto investigado para que ele mesmo mostre quais meios o analista deve utilizar no momento da interpretação. Conforme Brait (2005), o próprio objeto mostra os dispositivos analíticos, ou seja, possíveis categorias surgem à medida que o analista interpreta os dados.

Este trabalho é importante porque contribuiu com a análise de um gênero que é pouco estudado no meio acadêmico; e também porque recorreu à ADD, como uma área do conhecimento considerada nova e que vem se consolidando cada vez mais nos estudos dialógicos. O gênero Sermão oral apresentou relações dialógicas que fazem com que a interação social seja efetivada, promovendo sentidos, valores, constituindo-se, assim, em um gênero do discurso com marcas dialógicas.

O trabalho evidenciou que as múltiplas vozes sociais, a interação verbal entre os sujeitos, os processos dialógicos, são aspectos que estão presentes no gênero discursivo Sermão oral. Acredita-se que a teoria dialógica atribuiu maior clareza ao estudo do gênero em destaque. Assim, tem-se que é possível sim melhor entender o gênero Sermão oral sob a perspectiva da AAD.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA; Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras*, Santa Maria/SP, v. 20, n.40, p.147-162, jan./jun. de 2010.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentín. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas na poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- BRAMBILA, Guilherme. O(s) lugar(es) da Análise Dialógica do Discurso na contemporaneidade: focalizando a crise na segurança pública no ES. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 303-321, jan./jun. 2017.
- BRAMBILA, Guilherme. O dialogismo na LA contemporânea: reflexões a partir do 18º congresso mundial da AILA. *PERcursos Linguísticos*, Vitória/ES, v. 8, n. 19, p. 43-58, 2018.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado, enunciado concreto, enunciação. In: BRATI, Beth. (ORG.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: J. L. MEURER; BONINI & D. MOTTA-ROTH. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- CASTRO, Maria Lília de. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- FIAD, Raquel. Índícios de autoria em textos infantis: marcas de metaenunciação. In: CALIL, Eduardo; BORÉ, Catherine. *Criação textual na sala de aula*. Maceió, AL: EDUFAL, 2015.
- FIORIN, José Luiz. O romance e a simulação do funcionamento real do discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARINHO, Maria Celina Novaes. Transmissão do discurso alheio e formas de dialogismo em vidas secas de Graciliano Ramos. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 15, n.2, p.44-60, 2014.
- ROCHA, Max Silva da; SANTOS, Maria Francisca Oliveira. Análise retórica do gênero discursivo sermão oral. *Polifonia*, Cuiabá/MT, v. 25, n.37.1, p.88-106, jan./abr. de 2018.
- RUIZ, Tânia. Maria. Barroso. Diretrizes metodológicas na análise dialógica do discurso: o olhar do pesquisador iniciante. *Revista Diálogos*. Relendo Bakhtin, v. 5, n. 1, 2017.
- SANTOS, Maria Francisca Oliveira. *Professor-Aluno: As Relações de Poder*. Curitiba: HD Livros, 1999.
- SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia/MG, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, jul./set. 2016.
- SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. A noção de compreensão responsiva ativa no ensino e na aprendizagem. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n.1, p.253-269, jan./jun. de 2012.

Artigo recebido em agosto de 2019.

Artigo aceito em outubro de 2019.